Após calote, recessão é o novo fantasma

EUA escapam da moratória, mas cenário é sombrio; novos dados mostram a criação de empregos patinando

Serviços perdem fôlego, enquanto confiança da população na economia despenca; 78% acham que economia piorará

LUCIANA COELHO
DE WASHINGTON

O pacote fiscal anticalote foi assinado e entregue, mas o presidente Barack Obama não terá muito a festejar ao soprar as velas de seu 50º aniversário hoje: à sua frente, restará um cenário sombrio para a economia americana.

O convidado indesejado é o fantasma da recessão, que volta a rondar cidadãos, analistas e investidores em meio a dados negativos cada vez mais frequentes e o desânimo crescente da população.

"Não basta o Congresso evitar o desastre que evocou. Os legisladores devem voltar [do recesso] prontos para fortalecer a economia e levar mais americanos a trabalhar de novo", escreveu o secretário do Tesouro, Tim Geithner, no "Washington Post".

"Isso ajudaria a consertar o estrago feito em uma economia que já desacelerava."

Embora não haja sinais nítidos de recaída na recessão após a crise de 2008, há expectativa de piora: consumidor apático, demanda perdendo a força, desemprego persistente. Números divulgados ontem reforçaram os temores. A abertura de vagas no setor privado caiu a 114 mil em julho, de 145 mil, segundo a firma que processa as folhas de pagamento. Por sua vez, uma empresa de recolocação notou um salto de 60% nas demissões, para 66 mil.

Também perdeu fôlego o setor de serviços: o índice do Instituto de Gerenciamento de Suprimentos, que mede sua performance, foi de 53,3 a 52,7 em julho (abaixo de 50, o valor indica retração). As encomendas à indústria recuaram 1,9 ponto para 51,7.

"A economia americana ainda luta depois da crise de 2008, e sabemos que levam-se anos para se recuperar de algo assim", disse à **Folha** Jerome Powell, ex-subsecretário do Tesouro no governo de Bush pai e hoje no Centro de Políticas Bipartidárias.

Ele vê um começo no pacote para reduzir o deficit do país em US$ 2,1 trilhões até 2021.

A questão, como disse à **Folha** na sexta Frank Newport, do Gallup, "é que o americano médio está preocupado com demissões e falta de emprego". Rastreamento semanal do instituto mostrava ontem que 78% dos ouvidos esperam piora da economia.

Outro indício negativo é o mercado de títulos do Tesouro, onde a taxa de retorno para 10 anos oscila em 2,6% — antes da crise de 2008, pairava em 5%, recuo que indica aposta no resfriamento.

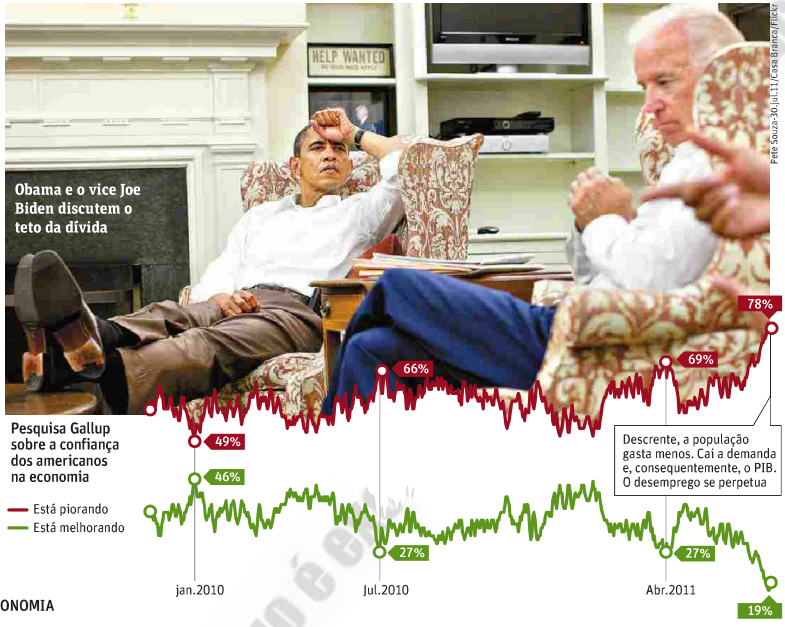
Há, por fim, um temor recorrente entre economistas ouvidos pela **Folha** nas últimas semanas: os novos cortes podem inibir mais os repasses do governo aos Estados e o crescimento, agravando o desemprego.

O setor público americano continua demitindo, e, embora o governo tenha deixado aberta a porta para novos estímulos, a realidade política hoje indica o contrário.

"O pacote terá enorme impacto nos Estados; os que abrigam quadros federais terão de lidar com a queda na arrecadação", observou Ron Haskins, expert em bem-estar social que serviu na Casa Branca e hoje está na Brookings Institution, em chat no site do centro de estudos.

"A redução dos gastos do governo federal acabará, provavelmente, afetando a economia como um todo."

» LEIA MAIS na pág. A13



INDICADORES DA CRISE NA ECONOMIA

PIB* 1,3%
↳ O PIB cresce abaixo dos 4% esperados para mitigar o desemprego. Pelos dados do início do ano, a recuperação é mais fraca do que o previsto

GASTO DO CONSUMIDOR -0,2%
↳ Os consumidores gastaram ligeiramente menos em junho. Assim, a demanda cai, e, consequentemente, a produção industrial e a economia

INDÚSTRIA 0,2%
↳ O avanço discreto se amparo no setor de construção, deprimido desde 2008. A demanda por bens de consumo e maquinário ficou estagnada e negativa

JUROS 0,25% ao ano
↳ Os juros continuam baixos para estimular o consumo e a produção. Investidores levam seus dólares para mercados com taxas mais atraentes

INFLAÇÃO -0,2%
↳ Os preços estão caindo. É um indício da retração dos gastos de consumo. Uma tendência mais prolongada é sinal de economia patinando

DESEMPREGO 9,2%
↳ Com o PIB e a produção industrial baixos, as empresas não abrem novas vagas. Sem emprego, cai a confiança econômica dos americanos

Fontes: Birô de Análise Econômica dos EUA; Departamento do Trabalho; Federal Reserve (banco central americano) e Gallup (pesquisa de confiança com 1.500 pessoas e margem de 3 pontos percentuais para cima ou para baixo).
Todos os dados se referem a junho e, no caso dos assinalados com *, ao trimestre encerrado em junho * Os dados do PIB são anualizados do 2º tri.

ANÁLISE

Títulos americanos ainda estão entre os mais seguros em um mundo inseguro

PAULO RABELLO DE CASTRO
ESPECIAL PARA A FOLHA

Aos poucos, a ficha vai caindo na cabeça do mercado sobre a perda do status triplo-A para a qualidade do crédito soberano dos EUA, ou seja, a nota máxima que as principais agências de risco ainda atribuem aos títulos de dívida emitidos pelo Tesouro americano.

Embora o afrouxamento monetário global continue garantindo a demanda pelos títulos dos EUA e, assim, mantendo o juro desses papéis em quase zero, já não podemos deixar de admitir algum risco, mesmo baixo, de um default americano.

Quando medido em escala de probabilidades, esse risco indicaria algo como de 1% a 2% de chances de ocorrência, no horizonte dos próximos cinco anos. Os títulos dos EUA ainda estariam entre os mais seguros, num mundo inseguro, mas já teriam destruído o intangível significado do termo "livre de risco".

Foi dessa forma que a SR Rating, agência brasileira de risco, avaliou, em maio de 2009, o nível de risco dos títulos federais americanos. Naquele ano, atribuiu aos EUA uma nota AA, que fica dois degraus abaixo do triplo-A ainda concedido pelas agências americanas.

Essas agências relutam em rebaixar a nota dos EUA, pelas repercussões que isso trará. Mas os dados fiscais americanos há tempos deixaram de apresentar a alta estabilidade de um país triplo-A.

O embate político entre Obama e o Congresso americano mostrou ao mundo como será difícil chegar ao corte de US$ 2,4 trilhões, para afastar a dívida de uma trajetória explosiva. Isso já seria suficiente para derrubar o rating americano.

Há uma boa chance que o embate político abra espaço para o necessário controle da da dívida explosiva. Daí a manutenção, por enquanto, da nota duplo-A.

PAULO RABELLO DE CASTRO preside o Comitê de Classificação da SR Rating

› RISCO

AGÊNCIA DA CHINA REBAIXA NOTA DOS EUA

A agência de risco chinesa Dagong rebaixou a nota de crédito dos EUA de "A+" para "A" depois do acordo para elevar o teto da dívida. O ministro Guido Mantega (Fazenda) reagiu com ironia, lembrando que a China é a maior credora dos títulos do país. "Eles deviam tomar cuidado, estão rebaixando os títulos que possuem."

Fonte: Folha de S.Paulo, São Paulo, 4 ago. 2011, Primeiro Caderno, p. A12.